

Publicação hebdom d'ria.

CRITICA, LITTERATURA

ARTE E

SPORT

COLLABORADORES DIVERSOS

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Se nestre . . . . .	5\$000
Trimestre . . . . .	2\$500
Numero avulso . . . . .	\$200

ESRIPTORIO E REDACÇÃO

RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianópolis, 27 de Maio de 1900

N. 9

## PETALAS

Mãos lacteas, mãos nervosas de rainha, sois todo o meu encanto, fidalgas delicadas, petalas liriae que tendes o segredo sublime dos magnetismos irresistiveis.

No concavo de vossas conchas, oh corollas sylphicas dos Sonhos, eu vejo um mundo de segredos, discretos, silenciosos, prenhes de promessas, como um credo de fé.

Tenho medo de tocar-vos, sim, porque não confessal-o ! tenho medo.

As minhas mãos são impias, têm sellado muitos crimes; são como os punhaes cujo exercicio assignala a serie tabida de horrores que os ruborisa indelevelmente.

Mãos de fada, pequeninas garras do Amor, eu temo o vosso contacto, como Judas criminoso a palavra perdonosa e mansa de Jesus

No mappa azuleo que as veias caprichosas bordam em vós eu vejo toda a topographia ideal dos meos devaneios, a planta exacta de vossos contornos, oh, mãos olympicas, ch, fragmentos cérolos de alvoradas em rosas.

Tenho medo de tocar-vos, sim, doces petalas phryneicas, não tenho a coragem de um Praxitelles para estudar em vosso contacto a natureza de vossa possuidora.

O meu cinzel é fraco, meu genio é pobre e me fallece a competencia de um Pigmaleão.

Iris auroreaes extremam vossos dedos e as mãos plebeas de um artista da palavra arreceiam-se ante a electrisante potencia de vossa impressão.

Si eu fora um poeta vos chamaria magas, oh mãos vibrantes langues cordas do violino occulto de um coração ardente.

Temo vosso contacto, fujo de vós, temo a maciez velutinea de vossa epiderme, porque tenho sangue e um sangue insubmissio.

Temo tambem a energia de vosso aperto, oh mãos causticas, porque vulcanisaes o meu coração, insurgindo-lhe exaltações adormentadas, expellindo d'elle lavas terrificas de sonhos mortos em pœira envenenadora de Ideias.

Mãos lacteas, mãos nervosas de rainha, meu eterno encanto, fidalgas delicadas, petalas liriae que tendes o segredo sublime dos magnetismos irresistiveis, eu vos acclamo, oh cicuta de minh'Alma.

GAMA D'AVILA

—♦♦♦—

## ABRIL

*Volivel coração,—soffres, bem sei, creança!*

*O amor que em ti nasceo, embora outro te anime,*  
*faz que a ultima dôr seja, como a esperança,*  
*doce, e o novo prazer amargo como um crime.*

*Abril teo coração perfeitamente exprime:*

*—canta, perfuma o ar, desabotôa a trança.*

*Mas, vem o inverno, e adeos, ramaria sublime,*

*prados em flor! adeos, Abril, que o inverno avança!*

*O sol verteo na flor toda a seiva fecunda;*

*mas o vento de neve os laranjaes circumda...*

*E entre bosques sorrindo e ceos vertendo horrores*

*de prantos—nota, heroina!—ha um mixto de prazer*

*e lagrima, de neve e flor... Sei eu dizer*

*se floresce com a neve, ou se néva com as flores!?*

D. NASCIMENTO

## Siluetas

Mlle. D. A.

Para que tão bellos olhos garçons fulgissem com todo explendor—olhos negros e fluidos, de um poder magnetico, que abala e perturba, que attrahe e fascina, olhos magnificos de um orilho estranho, tentadores e irresistiveis,—só mesmo aquelle moreno-mate de seu rosto, e aquelle talhe finó de seu corpo, de uma elegancia delicada e rara.

Todo o seu sér revela um conjunto invejavel de virtudes, que fazem-na dignamente preciosa e adoravel.

Notai bem aquelle porte elegante e airoso de princeza, poetas que andaes a desfilar estrellas sobre a fronte das nossas bellas patricias!

Nas suas curvas flexiveis, divinamente modeladas, ha linhas caprichosas de um vigor feliz, dignos do cinzel de um artista impeccavel. Seus longos cabellos negros apanhados ao alto em ondas finamente suspensas, formam com o seu rosto de uma candura sincera e com o seu collo de una alvura de jaspe esse *busto* especial que é todo o seu encanto, busto de uma nobreza alta e senhoril, tão digno de estudos, e que por ahi além passa quasi despercebido.

Bella Fornarina exigindo o buril de um novo Raphael.

E não é que a formosa brazileira tem nas suas veias o sangue generoso e ardente dessas deusas que povoaram de sonhos a alma de Murillo e estrellaram de beijos as páginas glorioas do glorioso Dante?

O seu *dulcuroso* nome faz sistema com a sua plastica finissima, quase idéal, e revela a bondade do seu delicado coração e a pureza de sua bella alma de moça ainda não batida pelos ventos das paixões,—lago tranquillo onde se espelha a felicidade de uma familia inteira.

De uma educação esmeizada, de uma delicadeza de trato, graciosa e intelligente, ella possue todos os requisitos de uma jovem digna das mais sinceras homenagens.

Não que frequente assiduamente as praças publicas e os saíões festivos como um requinte necessario de exhibição feminil; a contrario, bem poucas vezes é vista e por isso mesmo pouco admirada. Entretanto, para o observador que sonda os seus pensamentos e nota a sinceridade com que leva a sua existencia de moça formosa, mas modesta e simples, a bella senhorita que hoje occupa a nossa *silhueta* só pode ser considerada como um verdadeiro ornamento da mocidade feminina desta terra.

Entretanto—quem sabe!—e vá nist! sempre essa pontinha de má fé com que os homens tratam as bella filhas de Eva—quem sabe que de misterios não se occultam aos olhos mundanos dentro d' aquella alma de crystal, sem dar nôda a perceber a vez dos seus olhos magnificos!...

CÉLIO NETTO

## A CRUZ

*Na asperesa da celebre montanha,  
palco triste que lembra triste scena,  
onde Christo su-cumbe, á furia, á sanha,  
de um pover ingrato, louco, feito hyena;*

*a cruz, que se levanta sem defeza,  
os rigores do tempo desafia;  
mas este que destrõe tanta grandeza,  
respeita na passagem a cruz esguia!*

*Sim! o tempo que célebre antiquilla  
as gerações que passam pelo mundo,  
em pé te deixa, ó Cruz, sempre tranquilla!*

*E modesta e serena, olhando o espaço,  
tu, que animas o fraco e o moribundo,  
—consolas o infeliz—abres-lhe os braços!*

C.

## PENSAMENTO

N'esse dia eu acordaria extraordinariamente bem disposto.

Puderia! pois si, cinco sôes antes, herdara eu uma fortuna colossal, assim á Vanderbilt!

Realisaria o meu *desideratum*.

Uma fortuna, ha longo tempo appetecida, de um pai que eu não conheceria; uma fortuna que me garantisse a realisação das phantasias que eu architectara nas palestras com os collegas da Academia, fazendo-me passar por maniaco de má figura, essa fortuna eu a tivera em fim.

Meu pae, que me havia abandonado, jurando que eu seria desherdado, deixara-me tudo, os seus milhôes, que a apoplexia que o fulminou não permitira-lhe o tempo de transferir á *cocotte* detestavel que, embora usando mobilia dentaria de aluguel, tivera comtudo a habilidade feliz de saber assucarar a sua senilidade pretenciosa.

—Eu acordaria bem disposto, disse-o já.

Tinha uma partida a assistir e depois uma ceia, ah! mas uma ceia entre convivas adoraveis. Dansarinhas da Opera, millionarios excentricos, moços, todos moços e como eu, amantes de loucuras.

Nada faltava-nos.

Tinhamos oiro, muito oiro, mocidade... e vicios.

Ah! como é bello ser-se millionario! mas, como é triste e perigoso, quando não se tem a sciença de saber empregar proveitosamente os capitais!...

Quando pobre, abandonado a mim mesmo, eu tivera um amigo, ami-

## A PAGINA

go esse que eu quiz levar commigo, n'um d'esses impulsos generosos que a riqueza não consegue destruir.

Eramos já á meza, e isso, si bem me recordo, n'um *reservé* do Maxime, em Paris.

O meu ex-amigo da pobreza, (porque eu então coraria em apresental-o como um amigo), que, depois de ter sido convenientemente apreciado o seu talento, fôra mandado para a Europa para aperfeiçoar-se na sua *mania* antiga, que nós co-tumavamos applaudir com botas e livros, o meu ex-amigo com sua palavra arrebatadora e suas ideias romanescamente orientes, soubêra transformar-nos, bem como o *champagne* despejado, em folgasões nevriticamente sedentários.

De Baccho á loucura pouco tivemos que andar.

E como eramos todos ricos, (menos o meu antigo amigo), cogitamos de uma excentricidade.

Juises eclipsados, fôra dos competentes cerebros, resolvemos tentar a loucura pelo absintho, mas o absintho puro, em golos anti-dosimetricos.

Bebem os, bebemos muito, não sei quanto.

De repente vi o meu antigo amigo da pobreza erguer-se ante mim e apostrophar-me de ingrato. Devo confessar que devia-lhe muito, muitos obsequios valiosos e impagáveis materialmente.

— Que o insultára porque era pobre, mas que elle saberia perdoar-me porque eu estava irresponsável.

Coitado! não sabia que o ouro me transformara e eu era outro homem. Retruquei aspero, chamei-lhe... não sei o que.

Elle reagiu.

Cre o que magoaram-me suas palavras, conforme asseguraram-me os meus então novos amigos millionarios como eu.

Trazia um punhal, saquei-o, cravei lh-o rapido no peito, uma, duas, dez, cem vezes—nervosamente, epilepticamente, com furor rabido.

Os meus modernos amigos, bebedos como eu, ajudaram-me.

O sangue esguichara rubro, quente e abundante das feridas.

Uma excentricidade! gritou um de nós.

E, como ell, apuramos sangue, bebemol-o nas mesmas taças em que ha pouco escorrera o absintho.

Mas a sede augmentára.

Buscamos feril-o novamente, ao meu ex-amigo, e... o sangue, coagulado já, não sahiu, talvez quêdo de horror.

Com a acabou-se essa noite não o lembro.

Hoje que já são passados muitos annos sobre isso, milhares de dias, ainda não pude ter uma só noite de repouso absoluto.

Nada parece saltar-me, entretanto.

Tenho ouro, muito ouro ainda, sou titular, membro humanitario de muitas associações, tido e havido como exemplo de honradez, sem inimigos para a massa indiferente; mas... mesmo assim... não consigo dormir.

Um phantasma persegue-me, e eu sempre vejo-o com um estandarte negro onde em caracteres flammeos destacam-se umas palavras, cujas letras são como dardos que me envenenam.

E um crítico moral que eu occulto no isolamento de meu viver esmoler actual.

Essas palavras, preciso dizer-as, são—remorso e consciencia!

MARIO MARCIAL

## SEREIA

Monstros do ventre abaixo e deusas ventre acima

E. DE MENEZES

*Reparem neste bronze, veia e veia:  
Cornucopia de seios e d'escamas,  
Obra de um japonês do Fusiam,  
Que adora o Mar e a enluarada areia;*

*Canta e essa harmonia nos golpeia,  
E de uma triste e merencorea gama,  
E mais augmenta deste bronze a fama  
O olhar adormentado da sereia.*

*Penso que sonha o Polo e o Nevoeiro  
E a pallida talhada de um crescente  
Num céo de veus de noiva e jasmâneiro.*

*E, como buzios, a ferver, resôa,  
Numa langue preguiça de serpente,  
Num extasis nostalgiço de leoa.*

OSCAR ROSAS

## TRACOS À LAPIS

V

Pé spaiado...

Os turcos têm-lhe inveja aos bigodes e à musculatura. Forte, como um touro. Ha tempos jogando o pulso com o Jorge espatifou uma mesa de marmore no Garofallis.

Sadio e gigante, rijo e estouvado, ai daquelle que lhe cair na muñeca mestra e sobre a toeza dos seus pés phenomenaes!

Dá-se a ares de elegante; mettido no seu redingote amplo e na sua cartola maior do que o cano de um transatlantico, eil-o rua fôra, um *brava* aos queixos mastodonicos, bigodes mephistophelicos, retorcidos, corcejando aqui, ali, acolá, deitando donaires ao corpo, sibilando phrases

meillifluas... ensaiando olhares ternos e um andar cavalheiresco... principalmente si lá em cima, na sacada ou na janella, avista a silhueta elegante de alguma curiosa que se arqueia á grade ou ao peitoril para conhecer... o volume que passa!

Nos salões de baile é incommensurável! não procura as feiosas dançar; o seu par é sempre uma jovem de olhar fascinante e esculturado em fórmas.

E ainda que ella não queira, a sua insistência é tamanha, que a misericórdia é vencida. Então, agora vereis:—em sahindo com o par, n'uma fúria tempestuosa de rodeios e trambolhões, o perigo é certo.

—Livre o pé!!!

Pois senhores, aquelle brutamontes que aí vai todo dengoso, que a

dança espalhafatosamente wássas diabolicas; aquelle rapagão largado quia lá veio dos campos, dessa região serrana dos fortes e dos meigos, quanto mais quer requintar a phrase, mais engrola e mais assassina no nosso idioma, é de uma dedicação extraordinaria aos seus amigos e aos seus chefes, tem a ventura de ser um sincero na sua m'a-língua pitoresca e um bravo nas lutas em prol das ideias que defende.

A seo respeito contam-se episódios cavalheirescos dos tempos da revolução, capazes de figurar n'uma página da historia contemporânea, em que o homem atacado em seo covil como uma fera faz prodígios de causa e admiração dos adversários...

A sua bravura faz sistema com todo o seo phisico e... com todo o seo intellecto.

Dêem-lhe dois dedos de prosa bellica, eo seo cérebro e os seus braços e os seus pés produzem um temporal!

Serve junto a palacio há alguns annos, sempre na mesma linha recta do seo officio, a contento dos seus partidarios e dos seus chefes. E' um cabide de ordens politico, em a verdadeira accepção consciente da palavra.

Mas aquelle galanteio junto a uma dama...

E aquelles pés quando a walsa é americana...—livra!..

FABER

## NOTAS

Que festada diabolica, senhor! Lama por toda parte; dias frios, humidos, tempestuosos; a chuva tamborilando nas gelosias continuamente; ventos assanhados soprando ríjos, desembestades, furiosos, azedagantes, indomáveis; as enxurradas sussurrantes devendo as ruas, as viellas, os caminhos, cavando sulcos; o mar rugindo formidavel pelas escamas das ressacas monstruosas, tentando galgar o topo das penedas, bivando os arrecifes, raspando as praias, arietando de encontro as muralhas, num canhonaço interminato, atroador.

Invernado em meu gabinete, caruz cobrindo os orelhas, manta de lã aos pés, eis me a contemplar sem cimento, spleenstico, tedioso, e quieto, simplesmente infame, os minutos que correm, as horas que passam, os dias que desaparecem, sem nada ter feito, sem mais nada ter visto nem ouvido, a não ser a rajada indomita e agonisante dos ventos, o cheio e do chuveiro sobre os lagedos, o marulhar estrepitoso das ondas, e essa diabada toda que se assanha quando o temporal reina sobre os seus domínios, uma semana inteira.

O' chuva!

Para que a chuva? Chuvas vejo eu em dias de sol. Chuviscos vejo eu em manhãs de ressaca quando a victima despedida com gosto de cabo de chapéo de sol...

Para regar as plantas?

Mas se as plantas dos meus pés se molham, a constipaç'ão é certa. Outros ha que constipam debaixo de confortável telhado...

Para nos dar agua para beber? Aprendi com um sabo allenão que a agua H<sub>2</sub>O é um composto chimico, que, dizem, bebem os bois... e eu por enquanto pertenço á raça humana; de guimbas só uma com excelente leite, olé!

Para que a chuva? Conheço, por ouvir falar, uma aguia que se bebe quando chove, quando faz sol, quando faz frio e quando faz calor, tudo medicinalmente por causa do diabo do bicho. Em sendo necessário manter-se o bicho; mas não é agua que ande por aí as enxurradas; faz temporas, faz ressacas, mas é, segundo a opinião das vespidos no assunto, — incendiaria, escaldante...

Para que então os céos se cobrem de nuvens, os arvores gemem em torcicolos desesperados, os viandantes envergam os capotes, as ruas se cobrem de lama? Para quê? O' chuva! O' J. sé dos Papecis! estás mal comigo?

Forte rajada, resmungando, abala o meu casebre, provoca as minhas iras. Ponho o nariz grotesco das dedos fóra da vidraça.

Que horror! é o pampeiro indomável, terrível e brutal. Só lhe conhecem a força dos pasteis as mãos valentes, os telhados resistentes e o cedro altaneiro. Forte pampeiro, como eu te admiro, neste mesmo instante em que te odeio!

Prestas reaes serviços com a tua furia: destróes velhos casarões mal equilibrados, fóra do prumo, essas enormes rugas que enseiam as cidades modernisadas; quebras sobre os rochedos marinhas essas antigas naves, já desconjunctadas, corroídas pelo guzano, verdadeiros esquifes do destemido viajor; derribas o cedro alto antes que a faísca electrica fulmine traíçoeiramente ao misero lenhador que fóra buscar guarida á caverna do seo tronco annoso; varres a atmosphera dos miasmas que ameaçam atormentar a humanidade. Vens lá das pampas, desse sul bellicoso, montado em teo cavallo branco, ameaçando céos e terras atravessando cidades e aldeias como um Attila vencedor, pisando, guasqueando as multidões...

Tens afinal um quê de bemfeitor e de audacioso e de despota.

Mas, ouve lá meu gruicho de lança tridentina:

Ante o pampeiro da vida que a minha alma atravessa, impavida e serena, tu não passas do halito de um beijo a furto...

LÉO-LINO